



AGOSTO 2015

## HISTORIAM OU MEMORIAM? EIS A QUESTÃO!

A memória no platô da história de trabalhadores escravizados no Brasil

Fagno da Silva Soares<sup>1</sup>

Doutorando em Geografia Humana (FFLCH/USP)

**Resumo:** As reflexões presentes neste artigo, constituem-se elementos de uma pesquisa histórica ancorada na metodologia da história oral e na indissociável relação entre as categorias conceituais história e memória, cujo escopo é analisar as narrativas alguns trabalhadores submetidos ao trabalho escravo contemporâneo no Maranhão. Com o intento de contribuir para o aprofundamento dos estudos e reflexões acerca do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.

**Palavras-chave:** História, Memória, Trabalho Escravo Contemporâneo.

**Abstract:** The reflections presented in this article, constitute elements of a historical research anchored in the methodology of oral history and the inextricable link between the conceptual categories history and memory, whose purpose is to analyze the narratives some workers submitted to slave labor in contemporary Maranhão. With the intent to contribute to the deepening of the studies and reflections on the contemporary slave labor in Brazil.

**Keywords:** History, Memory, Contemporary Slavery.

*A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele.*<sup>2</sup>

Marc Bloch

---

\* A arquitetura e escrita deste artigo contou com a inestimável colaboração de colegas pesquisadores do Laboratório de História Oral e Imagem LABHOI-UFF e do Laboratório de Geografia Agrária - USP.

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo-USP, mestre e especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, professor de história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA/Campus Açailândia. Líder do CLIO & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História Oral e Memória-IFMA. Pesquisador do Núcleo de Estudos em História Oral NEHO/USP e Grupo Trabalho Escravo Contemporâneo GPTEC/UFRJ. E-mail: [fagno@ifma.edu.br](mailto:fagno@ifma.edu.br)

<sup>2</sup>BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Trad.: André Telles, Rio de Janeiro; Zahar, 2001, p. 79.

## INTRODUÇÃO

A epígrafe supracitada é o mote sobre o qual faremos inferências e digressões ao longo deste artigo que se segue acerca da intrínseca relação entre história e memória, não como complementares ou opostas, mas que quando equacionadas no tempo presente, solapam as barreiras dos documentos operados na perspectiva positivista. A questão inicial que move o pensamento apresentado por Bloch, diz respeito à variedade de fontes históricas construídas pelo homem ao longo de sua existência, o historiador defende o uso de documentos diversos para desnudar a sociedade em seu tempo. Assim, na seção ora apresentada, analisamos as relações entre história e memória tendo como referência as discussões que consideramos fundamentais de Le Goff que promovem reflexões historiográficas a partir da análise bibliográfica de seus conceitos perpassados pelo tempo presente e operados por este historiador.

Esta seção é seguramente, a mais densa, na análise das narrativas orais por vezes confrontados, não para validá-los ou desqualificá-los, mas por intentar desvelar os processos de fuga e os ressentimentos coletivos de nossos sujeitos históricos. Para tanto desvelaremos histórias resistências dos nossos sujeitos históricos, a começar pelo que consideramos um marco de resistência e enfrentamento à escravização contemporânea na Amazônia Brasileira,

Pedro Casaldáliga se identificou tanto com os trabalhadores rurais que não possuía nem um par de sapatos e, certa ocasião, seus paroquianos tiveram de fazer uma *vaquinha* para que seu bispo não tivesse de ir ao Vaticano de chinelos. O bispo não se preocupava com sapatos, estava mais interessado nas pessoas. Seu documento de 1972 sobre o confronto da Igreja e o latifúndio foi um marco no qual, pela primeira vez, se chamava atenção para a situação dos peões forçados a trabalhar como escravos.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>LE BRETON, Binka. *Vidas roubadas* - a escravidão moderna na Amazônia brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.145.

1. **NARRADORES DE CLIO: histórias de resistência, medo e fuga.**

Noutros termos, para Aragão em seu estudo sobre os camponeses escravizados na região maranhense dos Cocais, estes se valiam de variadas estratégias para ganhar visibilidade entre os seus e respeito junto à sociedade, como enaltecer seus atributos, e assim projetar uma imagem, da qual gostaria de ser lembrado.<sup>4</sup> Assim, a narrativa do Carvoeiro<sup>5</sup> serve-nos para ilustrar tal situação “[...] eu era o único que não temia do grupo, nem de morrer. Eu era amigo de todo mundo, ajudei todos que eu podia”.<sup>6</sup>

Como se pode observar, o nosso entrevistado busca através de suas memórias se auto-adjetivar de corajoso e generoso, ou seja, são estes os predicados que o nosso sujeito histórico gostaria que no futuro fossem dele lembrados e servem ao presente como forma de tocar terror aos demais. Assim identificamos mais uma forma de resistência para se proteger frente às difíceis “condições sociais, econômicas e geográficas dos Brasis que sempre fizeram dele um chão fértil para o surgimento da escravidão. Nos confins da Amazônia,<sup>7</sup> o Estado é dramaticamente ausente e a pistola é a única lei”.<sup>8</sup> Sobre os comportamentos e atitudes corajosas narradas por nossos entrevistados nos foi possível compreendê-las à luz do que propõe Figueira, ao assinalar que o lugar que ocupamos determina o que pensamos e agirmos, de que modo que

o informante ocupa um lugar social na família, na comunidade, na cidade, é considerado uma testemunha imparcial, vítima e/ou ator do fato narrado. Ele tem memória recente dos fatos, com precisão de datas e nomes, ou é capaz de contar fragmentos da história, porque as lembranças não são consistentes, porque não viu, não perguntou, nem conheceu

---

<sup>4</sup>SILVA, 2009, p.128.

<sup>5</sup>Um de nossos entrevistados, por motivos de foro íntimo, optou por não revelar sua identidade, adotando o nome fictício de Carvoeiro.

<sup>6</sup>CARVOEIRO, A.S. Entrevista concedida a Fagno da Silva Soares. Açailândia. 24. mar., 2012.

<sup>7</sup>Sobre o processo de escravização na Pré-Amazônia, ver SOUSA, Ubirajara do Pindaré Almeida. *A escravidão contemporânea na Amazônia maranhense: a questão dos direitos humanos na rota do capital*. 2004. 170p. Dissertação. [Mestrado em Políticas Públicas], Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2004.

<sup>8</sup>LE BRETON, 2002, p.222.

ou experimentou tudo. Ou porque viu mais do que foi capaz de falar, existindo razões objetivas ou subjetivas para não dizê-lo.<sup>9</sup>

Das muitas histórias de resistência que ouvimos de nossos narradores, uma merece destaque, por destacar para além de uma fuga, mas também do resgate de um companheiro, como narrou o Sr. Antonio Gomes, como sendo uma atitude necessária, porém irrefletida no momento, mas tomada no calor da situação,

eu convidei uns caras lá e disse: - Vambora matar o [?] e tomar as armas e tocar fogo nesse boi preto [um barraco feito de lona e pau] e no jericó, fura os pneus com a faca ou facão e vambora! Hum! Só achei um. Eu digo olha eu corto do [?], eu sangro a goela dele, pega as duas armas dele, nós humilha esses outros. Ninguém! Aí nós fumo trabalhar, quando deu com trinta dias, eles foram lá pra um jogo e quando vieram foi bêbo. Chegaram e jogaram logo um cavalo por riba de um rapaz que chama Deusdete, pisaram ele todim com o cavalo, arrancaram as unham dele toda e deram nele. Agora nós vamos matar o corajoso que sempre fala que vai embora ai me arrudiam com uns seis amontados num cavalo, eles meteram as armas em mim. Aí o gato meteu a vinte e eu peguei a vinte dele e me abaixei. - Barroso só tem dois caminhos ou eu ou tu. Encostei a doze nele. Entrou deste tanto bem assim, no couro da barriga dele. Não atirem no homem, que se atirarem no homem ele me mata, que quando o tiro falar a faca entra em meu bucho', todo mundo olhando ninguém corria com medo. Ai com pouco eu escutei o truvuar do cavalo vindo da sede. Parará, parará, parará, parará. Quando chegou ele gritou, 'ê!'. Suspende essas armas e larga o véi. Não mexe com ele não. São quarenta e dois homens se matar esse homem ai o pau pega pra fazenda [...] Passaram a noite inteira atirando para nos amedrontar [...] <sup>10</sup>

Ele narra de forma consistente para além do vivido e descreve um conjunto de formas de resistência circunscritas no seu cotidiano, que também apareceram de modo proeminente nas fontes orais de outros entrevistados, vão desde simples relações conflituosas como fofocas e intrigas até situações extremadas como fugas, ameaças de morte aos gatos e patrões, assim como, assassinatos de capangas. Destacamos que a maior forma de resistência é sem dúvida a denúncia, que acreditamos ser a derrocada primeira destes latifundiários usurpadores de direitos dos trabalhadores pobres do Brasil que

---

<sup>9</sup>FIGUEIRA, 2004, p.164.

<sup>10</sup>GOMES. Antonio. Entrevista concedida a Fagno da Silva Soares. Açailândia. março. 2012. grifo nosso.

durante séculos apregoaram uma cultura de violência e desigualdade no campo,

se queremos entender o processo de desenvolvimento e codificação da resistência, torna-se indispensável analisar a criação desses espaços sociais marginais. Somente especificando como se elaboram e se defendem esses espaços será possível passar do sujeito rebelde individual – uma construção abstrata – à socialização das práticas e dos discursos de resistência.<sup>11</sup>

Os trabalhadores que sucumbiram diante do monstro da escravização contemporânea são descritos como heróis, e de fato o são. Afinal, seja “nobre ou não, poderoso ou miserável, anônimo ou célebre, carrasco ou mártir, todo indivíduo morto pode converter-se em um objeto de memória e de identidade, tanto mais quando estiver distante no tempo”.<sup>12</sup> São *almas da terra*<sup>13</sup> que com seus corpos, suores, lágrimas e sangue ungem a terra no cumprimento de seu labor e em nome de seus ideais. Entendemos a fuga como um dos mais influentes instrumentos de resistência. E sobre ela, Antonio Gomes enfatizou que apesar dos percalços, conseguiu fugir com dois companheiros,

ficamos escondidos no capim e depois eu pra pegar o nosso amigo de trabalho Deusdete, nesse tempo era homem e tinha força, hoje não tenho força de nada [...] o Deusdete estava cansado, deitado saindo sangue pela boca e venta e pelas pernas. Eu voltei confiante porque se eu achar qualquer um dormindo eu pego uma arma e mato ele e toco fogo naquele barraco. Rapaz! Eu digo vou buscar o Deusdete ele não fica lá não. Nesse tempo era homem e tinha força hoje não tenho força de nada. Quando eu cheguei lá o Nêgo tava só arquejando, com frio chega tava assim se tremendo. Ai eu olhei assim no barraco, o caba tava sentado assim na rede lá dentro fumando um cigarro. Ai eu digo não dá pra mim não! Ai eu olhei assim no fundo tinha um balançando assim [movimento com as mãos] na rede. Tão acordado não dá pra mim não. Ai eu cheguei e fiz um sinal [pizzzzzzz] nego ficou caladim. O Nêgo era baixo e pequeno, pesava uns 59 quilos. Tu te segura ai. Peguei ele aqui, joguei ele nas costas [...] Não geme, não força fique quieto. Aí segui mata a dentro, os outros deram sinal [...] Rapaz, quando o dia amanheceu tinha jagunço

<sup>11</sup>SCOTT, J. C. *Los dominados y el arte de la resistencia*. México: Era, 2000, p. 147.

<sup>12</sup>CANDAU, 2011, p. 143.

<sup>13</sup>Referência à obra de SACRAMENTO, Elias Diniz. **As almas da terra: a violência no campo mojuense**. Belém: Editora Açai, 2012. Resultante da dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia apresentado na Universidade Federal do Pará, o livro evidencia os conflitos muitas vezes sangrentos, pela posse de terra na região para conter o avanço dos projetos agroindustriais na passagem dos anos 70 aos anos 80.

pra todo lado caçando nós. Quando chegamos num certo lugar disseram: - Aqui não tem apoio pra vocês aqui não! Aqui é acostumado todos que vêm aqui eles pegam e matam jogam dentro do rio. Aqui não vai dar pra vocês aqui não! Pode cair fora, mas nós vamos quebrar o galho de vocês, não vão por aqui. Não vão por essa estrada aqui não, vocês entram aqui, por essa varedinha ruim, mas da de vocês ir. Quando deu uma hora da madrugada nós saímos na farinheira. O Nêgo tava com muito frio, quando eu não aguentava mais de carregar o outro colocava ele no ombro.<sup>14</sup>

Depois da bem sucedida fuga, ao chegarem à cidade, denunciaram à polícia o caso e, escoltados, voltaram ao local “em três helicópteros, fecharam a sede do [...] e tomaram 162 armas até fuzil R15 tinha lá, eu estava naquela operação fardado e de colete”.<sup>15</sup> Indiciado, o dono da fazenda teve de se apresentar em audiência com o juiz, onde negou tal prática alegando sequer ter conhecido o Sr. Antonio Gomes, que retrucou:

Você não me conhece hoje seu Miguel. Ele disse: ‘Não’. Mas quando eu fui lá com a Federal lá, quantas armas lá foram tomadas? ‘Não, não sei não’. Pois eu sei seu Miguel. Eu tava naquela operação fardado também. - Então você não me conhece? Mas eu lhe conheço seu Miguel, eu estava naquela operação. Eu sou o Antônio Gomes dos Santos, que você comprou nossas cabeças. Ai ele ficou assim me olhando de cabeça baixa [...] Foi tomado 162 armas, metralhadora, fuzil R-15, ponto quarenta, trezentos e oitenta. Tudo tinha lá. Você não me conhece não, pois eu sou aquela fera, aquele cearense que nunca correu com medo dessa questão e nem corro.<sup>16</sup>

Em outro trecho da entrevista, ele nos conta que mesmo na frente do juiz pretendia matar o dono da fazenda, “[...] e minha mulher ficou lá fora com uma arma na bolsa para qualquer coisa eu arrebentar a vidraça, aí tu joga ela pra mim. Aí, começa o *bang bang*”.<sup>17</sup> Estas histórias de bravuras são comuns entre os narradores que encontramos. Sobre a fuga, nosso narrador afirmou ter pedido ajuda e descreveu:

<sup>14</sup>GOMES. Antonio. Entrevista concedida a Fagno da Silva Soares. Açailândia. março. 2012. grifo nosso.

<sup>15</sup>GOMES, 2012, idem.

<sup>16</sup>Idem. grifo nosso.

<sup>17</sup>BARBOZA, Analice Matias de Lira. **O Trabalho Escravo nas carvoarias da Amazônia para produção do Aço**. 2011. 59p. Monografia [Especialização em Direito e Processos do Trabalho]. Universidade Anhanguera-Uniderp, João Pessoa, 2011, p.18.

contamos a história da nossa fuga e pedimos comida, era uma farinha e nos danemos a comer farinha e encher a barriga de d'água. Eu digo não vou nem armar a rede, com medo. E peguei o doente e botei numa banda de coxo e deitou ele agarrou no sono. Arranja uma água de sal pra mim. Ele arranhou uma água de sal, quando eu voltei eu botei nos corte do pé, chega ele gemia de dor. Tem álcool também. Eu digo é bom, trás. Ai quando foi cinco horas da manhã ele acordou nós, já tava todo mundo dormindo. Quando ele acordou nós botamos ele nas costas e só escutando bicho na estrada toda hora, toda hora na carreira. Aí o caba disse: - Não desce pro rio, que eles vão atrás de vocês no rio, não desce no rio.<sup>18</sup>

Sobre as condições de trabalho nas carvoarias, em sentido estrito, Analice Barboza aduz ao cotidiano dos trabalhadores nas carvoarias da Floresta Amazônica, apontando que

vivem homens que perderam a liberdade, não recebem salários, não recebem equipamentos de proteção individual, não têm alojamento, dormem e comem como animais, não têm assistência médica, não têm registro em carteira e, em muitos casos, são vigiados por pistoleiros autorizados a matar quem tentar fugir. A maioria desses trabalhadores não sabe ler nem escrever. Os trabalhadores, geralmente, não lembram ao menos da data do aniversário. Têm dificuldades de se expressar, sentem medo, vivem acuados e não gostam de falar sobre si mesmos.<sup>19</sup>

Com base os relatórios das fiscalizações realizadas é possível atestar que as condições de trabalho nas carvoarias são lastimáveis, os trabalhadores “são obrigados a adquirir com seus parcos e minguados ‘salários’, as botas e chapéus não adequados para as atividades desenvolvidas [...] trabalham de chinelos tipo japonesas”.<sup>20</sup>

Nas fiscalizações realizadas pelo Grupo Móvel da Polícia Federal na fazenda Medalha realizadas no período 16.09.96 a 02.10.96 foi encontrado inúmeros trabalhadores em “barracões cobertos de plástico e palha, expostos aos intempéries, sem proteção lateral, piso de terra batida, a água utilizada para o consumo era armazenada em tanques, à céu aberto, sem nenhuma

---

<sup>18</sup>GOMES, 2012

<sup>19</sup>BARBOZA, 2011, p.18.

<sup>20</sup>CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS/CARMEM BASCARÁN. CDVDH/CB. Relatório das atividades desenvolvidas no período 1997-2006, Açailândia: 2012/MARANHÃO. Delegacia Regional do Trabalho. **Relatório de inspeção das relações e condições de trabalho nas carvoarias e siderúrgicas do estado do Maranhão**. São Luís, 1998. 50 p.

proteção, ficando exposta ao sol, poeira e insetos”.<sup>21</sup> Os trabalhadores eram submetidos a

jornadas excessiva, poeira intensa, calor excessivo, não lhes é fornecida água potável, não lhes é fornecido EPI's [...] obrigados a trabalhar durante toda a semana sem qualquer interrupção ou repouso semanal remunerado e com jornada de trabalho excessivo, em alguns casos trabalham durante todo a noite e no dia seguinte continuam.<sup>22</sup>

## 2. HISTORAR A MEMÓRIA OU MEMORAR A HISTÓRIA?

Doravante, faremos inúmeras digressões acerca das relações entre história e memória para compreender os processos de resistências que ressaltam nas narrativas de modo impregnado. Como se pode observar no decurso desta dissertação, na relação entre história, memória e identidade, coexistem lembranças e esquecimentos, pertencimentos, sentimentos e ressentimentos, tornando-as indissolúveis e cada vez mais complexas. Assim, a memória e a identidade entram em cena e para interpretá-las, desafio ao historiador, é preciso ter em vista a

[...] preservação do passado. Mesmo os cultores do 'novo', os fiéis da religião do 'moderno', os militantes da mudança permanente não ousariam pronunciar-se a favor da destruição dos traços [...] Uma necessidade identitária parece estar compondo a experiência coletiva dos homens e a identidade tem no passado o seu lugar de construção.<sup>23</sup>

Tanto já se disse que a memória e história estão intrinsecamente ligadas ao passado que parece redundante ratificar, porém não o é, dada à complexidade destas relações. De modo que, boa parte da análise crítica dos seguidores de Clio tem sido investida no estudo detido de suas relações, o que torna ainda mais difícil e complexa tarefa em analisá-las. Assim, a história

<sup>21</sup>MARANHÃO. Delegacia Regional do Trabalho. **Relatório de inspeção das relações e condições de trabalho nas carvoarias e siderúrgicas do estado do Maranhão**. São Luís, 1998. 50 p.

<sup>22</sup>CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS/CARMEM BASCARÁN. CDVDH/CB. Relatório das atividades desenvolvidas no período 1997-2006, Açailândia: 2012. Vide anexos, A e B.

<sup>23</sup>D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. “Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora”, In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, vol. 13, n. 25/26, pp. 97-103, set. 1992/ago. 1993, p.97.

torna-se “senhora da memória, produtora de memórias”,<sup>24</sup> historicizadas, ou seja, a memória foi apropriada pela história. E assim, tem se tornado um palco de análise apurada para os historiadores.

A Halbwachs coube pesquisar detidamente o que ele próprio chamou de ‘estrutura social da memória’, no início do século XX. Para ele as memórias são construções dos grupos sociais e reconstruções do passado mesmo quando o indivíduo não a experienciou diretamente. Entrementes, na bem sucedida tentativa, por isso, largamente utilizada, de diferenciar memória de história, Halbwachs ponteiava que

[...] é fixá-las por inscrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados?<sup>25</sup>

O fragmento acima, nos reportou a Pierre Nora para quem a história é narrativa e a memória é história viva, narrada em constante renovação. Para tanto, vivemos uma

aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo de terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais.<sup>26</sup>

As tensas relações entre história e memória nos permitem erigir portas que nos permitem outra inteligibilidade do passado. Nos termos deste autor, a memória e a história não são sinônimas como se pensou, sendo às vezes opostas. Porém ambas são elos para abrir as portas do passado com as chaves do presente.

<sup>24</sup>SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Maria Stella. NAXARA, Márcia. [Org.]. **Memória e [res]sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 39.

<sup>25</sup>HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. trad. Beatriz Sidou. São Paulo: 2006, p. 81.

<sup>26</sup>NORA, 1993, p.07.

Ao analisar as experiências vividas por nossos sujeitos históricos entendemos que a história através da memória dá vida a outras versões da história, que para Portelli a “memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados. Assim, poderemos constatar que [...] a memória é social [...]”.<sup>27</sup> Portanto, palco de disputas pela aceitação ou negação da memória visto que, a memória é um processo vivido, dinâmico e passível de alterações do passado, no presente. Destacamos ainda, o papel da história oral, ao romper com a cultura da invisibilidade historiográfica, gerada a partir da “amnésia, na história dos excluídos, dos escravos, das mulheres, crianças, operários, minorias sociais, loucos, oprimidos de todo tipo”<sup>28</sup>a que muitos sujeitos históricos foram submetidos. Assim, ao “privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, [...] as memórias subterrâneas”,<sup>29</sup>opõem-se à história tida ‘oficial’ e possibilita uma ampliação de objetos, problemas, abordagens e sujeitos da história. E neste enlevo teórico,

memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo os opõe. A memória é vida e, por isso, está permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e a súbitas revitalizações.<sup>30</sup>

As revitalizações de que trata o autor, nada mais são do que as atualizações que fazemos aos fatos, toda vez que relembremos deles, deste modo, a memória social é processual e encontra-se em constante atualização na relação entre as gerações do passado com o presente. De modo que a memória social “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim, a reconstruí-lo com base nas questões [...] de nossa perspectiva presente, que

---

<sup>27</sup>PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história Oral. In: PROJETO HISTÓRIA 15: **Ética e História Oral**. São Paulo: EDUC, 1997, p. 16.

<sup>28</sup>MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo; n.34, p.9-23, 1992, p. 18.

<sup>29</sup>POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Trad. Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro, vol. 2, 1989 n. 3, p. 03.

<sup>30</sup>NORA, 1993, p.09.

do frescor dos acontecimentos passados”.<sup>31</sup> Assim sendo, seria incoerente de nossa parte advogar que as memórias cheguem até nós *ipsis litteri* ao ocorrido, ou esperar que o narrador seja exímio detalhista, logo

ser inexato não invalida o testemunho. Diferentemente da mentira, muitas vezes exata e detalhista. Vivemos numa sociedade a quem foi roubado o domínio do tempo, marcada pela descontinuidade. A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos. Qual versão de um fato é a verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes dele. Não temos, pois, o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, conta a sua verdade.<sup>32</sup>

Todos nós portamos nossas próprias verdades, assim não nos interessa aqui atestarmos a validade destas memórias, mas compreendê-las e explicá-las sem perder de vista o contexto em que foram construídas. Pois é sabido que o papel do historiador é trazer à tona as verdades relativas, mediante as interpretações das fontes, e assim, explicar as pretensas verdades erroneamente compreendidas como absolutas. Neste sentido, o historiador Bom Meihy nos diz que as “mentiras, esquecimentos e deformações são matéria da boa história oral, que, mais que identificá-los, deve também explicar suas razões”.<sup>33</sup> Portanto, não pretendemos aqui conferir status de verdade ou mentira as narrativas de nossos entrevistados, mas compreendê-las em suas intencionalidades. Deste modo, nos foi útil a leitura do conhecido artigo de Janaína Amado, *O grande mentiroso*,<sup>34</sup> por indicação da professora Áurea da Paz Pinheiro na disciplina *História e Memória* para compreendermos o contumaz papel do pesquisador ao lidar com as diferentes ‘verdades’ construídas pelos entrevistados. A esse respeito, a autora Janaína Amado, sublinha como o seu informante de nome fictício, Fernandes, lhe pareceu, em um primeiro momento

---

<sup>31</sup>GONDAR, J; DODEBEI, V. [Orgs.]. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005, p. 18.

<sup>32</sup>BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia geral. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, pp. 65-66.

<sup>33</sup>MEIHY, 2005, p.57.

<sup>34</sup>AMADO, Janaína. **O grande mentiroso:** tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, UNESP, São Paulo, n.14, 1995.

[...] tudo o que um historiador poderia desejar de uma primeira entrevista: o informante demonstrou vivência e conhecimento profundos do tema, além de vontade de colaborar com o trabalho; exibiu memória prodigiosa, recordando-se em minúcias até de acontecimentos aparentemente sem importância; emitiu sobre todos os temas opiniões firmes, às quais não faltava excelente sentido de humor; e se mostrou identificado com a cultura popular, recitando quadrinhas e provérbios, entoando canções, exibindo passos de danças e descrevendo em detalhes vestimentas, etiquetas e costumes da região.<sup>35</sup>

Neste trajeto, ao consultar documentos escritos e entrevistar outros personagens, a historiadora foi tomada de grande surpresa, ao perceber que a grande maioria das informações prestadas por seu entrevistado não passavam de imaginação e por isso engavetou a entrevista só retomada ao final da pesquisa para uma segunda audição. Foi quando a pesquisadora percebeu a relação desta com a história de Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, para Janaina uma “recriação sertaneja, mesclando referências literais à obra com aspectos da vida no interior de Goiás”.<sup>36</sup> O livro foi herdado de seu avô e conservava-o em sua cabeceira. Sabemos que era costume dos moradores de Uruaçu se reunirem na praça da cidade para ouvirem a clássica história da literatura espanhola. Assim nos parece à narrativa de Carvoeiro que mistura fatos da história recente da cidade e outras as suas memórias, ao afirmar,

eu tive que lutar para sair da carvoaria, tive muito medo, de não ver mais meus filhos e minha mãe, mas ao mesmo tempo sabia que tinha de acreditar que assim como o Lula saiu daqui do nordeste e se tornou presidente, eu também posso vencer na vida. Aqui em Açailândia conheço pessoas que deixaram de ser enchedor de forno e hoje estudam e têm até uma casa boa pra morar. Naquela época do *'entra e sai de prefeitos'* na cidade eu estava trabalhando na carvoaria.<sup>37</sup>

O relato acima faz referência ao sentimento de medo confesso do nosso entrevistado, que ao acionar sua máquina do tempo, sinaliza dois importantes episódios da história local e nacional, respectivamente, a *crise*

---

<sup>35</sup>AMADO, 1995, p.126.

<sup>36</sup>Ibid., 1995, p. 127.

<sup>37</sup>CARVOEIRO, A.S. Entrevista concedida a Fagno da Silva Soares. Açailândia. 24. mar., 2012.

*política ocorrida em Açailândia*<sup>38</sup> e a posse de Lula em 1º de janeiro de 2003, fatos da história política que indubitavelmente permeiam as memórias dos atentos cidadãos açailandenses para isso, nos valem de Montenegro,<sup>39</sup> que em suas entrevistas com trabalhadores idosos, enfatizou os episódios contundentes que marcaram décadas anteriores através das lembranças de seus narradores, operando novos significados aos fatos. Assim podemos perceber, que embora este ex-trabalhador escravizado não tenha sequer passado pela escola, parece está preocupado com as questões políticas ao ponto de entrecruzá-las a sua própria história. Nestes termos, parece razoável rememorarmos Certeau, quando nos diz que “sempre é bom recordar que não se deve tomar os outros por idiotas”.<sup>40</sup>

Na relação entre o coletivamente vivido e o individualmente lembrado, nos reportamos à coletivização dos recortes de memória individual e sua contemporaneidade, que para Carvalho

[...] memória não é apenas nossa, ela é um somatório de lembranças de várias pessoas que fizeram parte da nossa história. As lembranças são individuais, pois para cada pessoa fica marcado o significado de acontecimentos experimentados coletivamente. As lembranças do passado não permanecem inertes no tempo, mas vão se reconstruindo a partir das representações do presente. Pode-se mesmo dizer que a memória é dinâmica, ela é recriada por novos acontecimentos ou por novas lembranças que são agregadas àquelas do passado que são [re]elaboradas pelas vivências do presente. Portanto, passado e presente se fundem, se confundem, se agregam, pois a memória não conhece passado, mas é sempre presente.<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup>SOARES, Fagno da Silva. **A história política de Açailândia no despertar do Século XXI**: a cidade dos desprefeitos. 2005. 98p. Monografia [Graduação em História] Centro de Estudos Superiores de Imperatriz - CESI, Universidade Estadual do Maranhão, Imperatriz, 2005. Estudo realizado com o propósito de conhecer as causas que levam a desordem política ocorrida na cidade de Açailândia no período de 2002 a 2003, motivada pela fatídica disputa judicial pela cadeira de prefeito na Casa Amarela, configurando uma verdadeira odisséia na história política recente da cidade.

<sup>39</sup>MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

<sup>40</sup>CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. a arte de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p.19.

<sup>41</sup>CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e repressão**: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o Regime Militar em Teresina. Dissertação [Mestrado em História do Brasil] Departamento de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006, p. 227.

Noutros termos, a observação minuciosa própria do pesquisador, nos indicou a leitura de um passado sensível e ainda muito traumático do Sr. Antonio Gomes, como dito alhures, através de suas memórias ressentidas e permeadas pelo desejo de vingança,

Essa chapra aqui tá toda esculhambada, toda remendada. Eu só vou mandar botar uma nova quando eu tirar o sangue do [...] Eu passei foi seis dias de hospital botando sangue pela boca de tanto eles me machucaram futucando com o cano da espingarda, fiquei todo quebrado até hoje tenho marcas no corpo e na alma. Mas um dia vou me vingar desta humilhação, quando eu receber o derradeiro dinheiro que a justiça vai liberar, eu acerto as contas com ele e boto minha chapa nova.<sup>42</sup>

Nos termos que está disposto, o relato acima, expressa o sentimento de ódio que ainda guarda dos tempos de cativo, ojerizado pelos maus tratos que sofrera, tendo segundo ele, deixado *marcas no corpo e na alma*, faz juras de vingança. Em outros momentos em que tivemos com este narrador, ele sempre fez questão de reiterar o revanchismo para com o gato que no passado quebrou sua prótese dentária, a que se refere como '*chapra*' e junto com outros capangas machucou-o tanto que passou vários dias hospitalizado. Não se sabe ao certo, quantos dias, há trechos que diz ter sido seis, dezesseis ou até vinte e seis dias. Como se sabe, a memória é palco de disputas entre defesas e ataques na luta pela verdade, que aqui não pretendemos perscrutar. Reconhecemos que "[...] o processo do conhecimento é infinito, que cada verdade atualmente atingida neste processo é apenas parcial e neste sentido relativa, condenada, portanto, a envelhecer e a ser ultrapassada por uma verdade mais completa".<sup>43</sup> E como dito alhures, nenhuma verdade é absoluta, todas são relativas e circunscritas no contexto na qual foram forjadas. É justamente este contexto que interessa que, como um geólogo que estuda a terra, sua composição e estruturas, o historiador estuda para além dos fatos, as fontes. Afinal delas nascem às versões da história.

Remetendo termos semelhantes, temos como exemplo o filme *Narradores de Javé*, obra de ficção, que trata a realidade brasileira sob a ótica das narrativas populares que entremeiam a cultura popular nacional, em

<sup>42</sup>GOMES, 2012. grifo nosso.

<sup>43</sup>SCHAFF, Adam. **História e verdade**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 204.

especial a nordestina. Cabia à história, neste caso, retratar os dramas dos javeenses, moradores da dita comunidade, que, temendo perderem seu lugar, intentavam contar suas memórias para na tentativa de fazer da comunidade um lugar de valor histórico, podendo assim salvá-la da destruição. O protagonista do filme é a própria localidade, em sua busca por reconstruir-se em forma de narrativa. Mas o principal intermediador de seu diálogo com o mundo é o personagem Antônio Biá, ao qual a população dá a incumbência de contar a história de Javé. Sem acesso a documentos oficiais, que referendassem a cientificidade, aqui entendida sob o paradigma rankeano, de tal história, Biá se vê obrigado a reconstruir ainda que *'a machadadas'* a trajetória do local através da oralidade, captando as vozes dos mais antigos e, dessa maneira, entrevedo em seus relatos as lacunas deixadas pela ausência de um passado registrado em cartório.

As dificuldades de Biá em construir a narrativa historiográfica de Javé a partir da oralidade, podem representar, com certa fidedignidade, o ofício do historiador que, partindo da metodologia da história oral, empreende uma busca por captar as subjetividades de um povo, e o olhar particular dos que vivenciaram determinada época, o que indubitavelmente sugere enquadramentos. Os personagens Indalécio, Deodora, Maria Dina e Indalêo travam uma disputa pela memória, reclamando pra si os feitos históricos de Javé. Desta forma, a memória e a história são marcadamente frutos de tensões e embates entre o eu e o nós, o individual e o coletivo.

Assim, comungamos com Alessandro Portelli quanto ao entendimento de que na relação historiador e narrador também há disputas e tensões entre o presente vivo e o passado lembrado, o primeiro deseja historicizar às memórias, já o segundo, forjá-las a sua própria lógica. Para esse autor,

Enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. Portanto, enquanto os historiadores muitas vezes se esforçam por ter uma sequência linear, cronológica, os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup>PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et al. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 300.

Apoiamo-nos nessa assertiva de Portelli, para entender os por vezes conflitantes interesses que guiam os narradores e o historiador. Um deseja projetar-se ao futuro, deixar sua verdade, o outro reconstruir o passado. Desta forma, identificamos a relação entre a história escrita e a memória narrada, que faz da história uma narrativa, *operação intelectual*, grafadora dos fatos, e da memória um constructo do presente eternamente revitalizado. De modo que, o autor deste estudo histórico por diversas vezes foi alertado quanto às intencionalidades de nossos colaboradores na reconstrução de suas memórias por outrem. Em nosso socorro, Pierre Nora, com todo seu *know-how*, nos alerta acerca das relações entre história e memória observando que

a história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizaste, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.<sup>45</sup>

Diante do apresentado por Nora, a memória é atual, já a história é passado. De suas insólitas relações nascem semelhanças e oposições. Assim, sabe-se que toda memória individual corresponde a uma parte da coletiva, Halbwachs considera a memória individual como coletiva tangenciada pela sua temporalidade, espacialidade e interação, “[...], pois cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as

---

<sup>45</sup>NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História** – História & Cultura. nº 10. Revista da Pós-Graduação em História da PUC-SP. São Paulo. Brasil, 1993, p.09.

relações que mantenho com outros meios”.<sup>46</sup> Para Pollak, corroborando as afirmações de Halbwachs, a memória “[...] é também um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva”.<sup>47</sup> Noutros termos, a memória é também identidade social entretecida por uma teia imbricada de outras identidades. Quanto as nossas lembranças coletivas, Maurice Halbwachs,

[...] permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.<sup>48</sup>

Nos termos do mesmo autor, o *hour concours* estudioso da memória coletiva para quem toda memória tem como base estruturante a identidade de grupo, por isso quando rememoramos a nossa infância, nos vem à mente lembranças relacionadas em geral à família ou quando nos fazemos recordar das nossas experiências profissionais, estas chegam até nós estabelecendo relações com o meio profissional do qual fizemos parte. Deste modo, o autor mostra que somos unos e múltiplos e ‘nunca estamos sós’. Afinal, nossas lembranças individuais são construídas coletivamente e, portanto, atravessadas pelo social. No que concerne a essa discussão, acreditamos ser pertinente, citar a fala de Carvoeiro ao afirmar que “ainda me lembro do dia em que colocaram a gente para comer *carne banida*, uns diziam que era carne de paca ou de veado mateiro, eu não lembro direito [...] todo mundo era muito macho e comeu sem reclamar, nosso grupo era muito cheio de coragem.<sup>49</sup> Chegaram até nós diferentes versões sobre este fato, uns diziam ter comido carne de ‘*tatu-peba*’, ‘*jacaré*’ e até de ‘*onça*’, mas todos eram unânimes quanto ao fato da presença de carne estragada na refeição entregue aos trabalhadores. Como é sabido, sofremos a todo o momento, o processo de enquadramento da memória.

<sup>46</sup>HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. trad. Beatriz Sidou. São Paulo: 2006.

<sup>47</sup>POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, v. 5, pp. 200-215, 1992.

<sup>48</sup>HALBWACHS, 2006, p.26.

<sup>49</sup>CARVOEIRO, 2012.

Ainda nesse trajeto e com efeito, o autor acrescenta que “[...] a lembrança aparece pelo efeito de várias séries de pensamentos coletivos emaranhados, e [...] não podemos atribuí-la exclusivamente a nenhuma dentre elas”.<sup>50</sup> Ratificando que a memória individual e a coletiva são quase indissociáveis, o autor ainda indiretamente relaciona a história ao passado constructo no presente ao sentenciar que “não é na história apreendida, é na história vivida que se apoia nossa memória”.<sup>51</sup> e com um elã quase poético afirma do ‘seu lugar de fala sociológica’ que a “história, com efeito, assemelha-se a um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas”.<sup>52</sup> Nesses termos, torna-se possível perceber que nossos narradores ao lembrar do passado, têm sobre suas lembranças o peso do tempo, de modo que, a cada rememoração, o narrador comete, intencionalmente ou não, lapsos e/ou acrescenta elementos a sua narrativa. E assim, a memória é compreendida nesta investigação como “algo que interage constantemente com as experiências adquiridas no cotidiano”<sup>53</sup> de seus narradores.

Nesse contexto, o historiador oralista da memória remete-se a fragmentos de lembranças individuais de modo a inter-oralizar [confrontar] os testemunhos, tendo vistas a coletivizar o individualizado, estabelecendo uma relação com o tempo presente, uma vez que, lembrar não é viver duas vezes, mas rever [revisitar com olhos do presente] o passado para compreendê-lo. De acordo com Bosi,

**Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...]** A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítido que nos pareça de um fato antigo, ele não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup>HALBWACHS, 2006, p.26.

<sup>51</sup>HALBWACHS, 2006, p.60.

<sup>52</sup>HALBWACHS, 2006, p.55.

<sup>53</sup>SILVA, 2009, p. 123.

<sup>54</sup>BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 57. grifo nossos.

É com maestria que Bosi em sua escrita, define lembranças como elaboração e reconstrução contínua das experiências do passado com a imagética do presente, pois nunca somos os mesmos. Nestes termos, fazemos uso das reflexões de Janaina Amado, quando esta categoricamente nos alerta quanto às diferenças entre o vivido e o lembrado,

parece-me necessário, antes de tudo, distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo assim ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade. O vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória, esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência.<sup>55</sup>

Neste sentido, existe claramente uma tênue diferença entre o vivido e o lembrado, de modo a permitir diferentes versões de um mesmo fato. Afinal, enquanto sujeitos de suas próprias histórias acabam por advogar suas verdades particulares como coletivas. Como se sabe, “a memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz [...] uma verdade gasta, [...] recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra”.<sup>56</sup> Pois até mesmo as pedras são afetadas com a ação do tempo. Entendemos, portanto, a memória não como um processo estático, mas um fenômeno dinâmico, sempre a se resignificar.

Apesar das narrativas de nossos sujeitos históricos estarem amparadas e articuladas na busca pela verossimilhança, é sabido da forte subjetividade e até vulnerabilidade narrativa a que estão submetidas, portanto, passível de imprecisões. Na narrativa de Carvoeiro, fica nítida esta constatação, quando ele nos informa que “no ano de 2003, quando foi criado o plano real, eu ganhava na carvoaria, menos de R\$ 10,00 reais por forno queimado, isso quando eles me pagavam, eram 22 trabalhadores na carvoaria”.<sup>57</sup> Ele fez referência há exatos dez anos depois da criação do Plano Real, que entrou em vigor um ano depois, em 1994. Outro dado merece atenção, segundo os dados do relatório de vistoria da referida carvoaria, eram

---

<sup>55</sup>AMADO, 1995, p.131.

<sup>56</sup>LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 09.

<sup>57</sup>CARVOEIRO, 2012.

exatos 15 trabalhadores e não 22, como haviam dito. Não queremos aqui, questionar a validade das informações prestadas por nossos narradores, pelo contrário, valoramos tais imprecisões como elementos que nos auxiliam na compreensão dos fatos, a partir das verdades que nos são colocadas a serem traduzidas.

Com os argumentos de Aragão, tornam possível compreender que uma narrativa se constrói das experiências numa relação entre verdade e ficção enquanto “fenômenos que convivem na narrativa humana, [...] procurem dar à sua fala um valor de verdade forjada em elementos morais repassados consuetudinariamente”.<sup>58</sup>

Avançando no debate, compreendemos a memória como expressão primeira do passado, construída seletivamente através do psíquico-intelectual de cada indivíduo e inserida num contexto familiar e social de uma memória que parece estar ameaçada. Deste modo, entendemos assim como Nora que

[...] não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos.<sup>59</sup>

Visto nesses termos, os *lugares de memória* são materiais e imateriais, capazes de incrustar na memória de um grupo social o sentimento de pertencimento de cada indivíduo, forjando constantemente suas identidades como forma de reconhecimento e identificação ainda que de forma fragmentada, se faz como caminho para a preservação da memória. Para nossos narradores, estão entre os lugares de memória, estão não só a

---

<sup>58</sup>SILVA, 2009, p. 132.

<sup>59</sup>NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História – História & Cultura**. n° 10. Revista da Pós-Graduação em História da PUC-SP. São Paulo. Brasil, 1993, p.13.

carvoaria e o local do aliciamento, mas também as marcas no corpo, e para além do universo material, as marcas incrustadas na alma como as humilhações sofridas e dor de ficar longe dos seus. Desta forma, entendemos, pois, lugares de memória em sentido lato, desde o concreto ao simbólico que podem coexistir simultaneamente,

mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre [...]. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número, uma maioria que deles não participou.<sup>60</sup>

Constatamos, pois, ainda que os lugares de memória, não se constituem somente enquanto experiência vivida, mas cristalizadas no seio do grupo do qual se faz parte. Por isso, os lugares de memória servem para determinar, inclusive a que grupo pertencemos, ou seja, quem somos, acionando imagens e sentimentos de experiências coletivas, conferindo o sentimento de pertença e identidade que lhe confaz, fixando ainda ilusoriamente o tempo ajudando-nos a minimizar o esquecimento. Conforme analisado alhures, os lugares de memória existem entre o concreto e o abstrato, entre o real e o simbólico e estão presentes nos mais diferentes monumentos tais como

museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processo verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e

---

<sup>60</sup>NORA, 1993, pp.21-22.

de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.<sup>61</sup>

A despeito disto, pode tratar-se de um lugar ou de um documento, de um museu ou de um rito, de uma festa ou até mesmo de um discurso. Porém, nem tudo pode ser considerado lugar de memória, para isso, é preciso romper para além de um lugar de história como marco memorialístico carregado de identidades e possuidor de *vontade de memória*, que transmitem e perpetuam sentimentos e ressentimentos, quando sem estes lugares de memórias, já não existiriam mais. Afinal, como sabemos, assim como as identidades, as memórias também são fluídas e cambiantes.

Valemo-nos da consideração de Seixas enfatizando Pierre Nora quando afirma que “a memória encontra-se, assim, prisioneira da história [...]” transformou-se em objeto e trama da história, em memória historicizada “[...] toda memória, hoje em dia, é uma memória exilada, que busca refúgio na história [...]”<sup>62</sup> Deste modo, para entender melhor a questão dos lugares de memória retomamos a questão das diferenças entre memória e história, sob o ponto de vista de Nora que considera que [...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”.<sup>63</sup> Constatamos, pois, esta como uma das mais brilhantes elucidações acerca das diferenciações entre história e memória.

Deste modo, vociferamos que a memória constrói vida e a história, os ‘lugares de memória’. Logo, a história é uma Medusa<sup>64</sup> que com seu olhar petrifica a memória nos despojos do passado, construindo lugares de memória. A memória, como bem disse o autor, é vida ressignificada a cada ato do lembrar e do esquecer, ela retroalimenta a história que é a erudição do passado grafado na agenda dos historiadores deste século. Deste modo, o conceito de lugar de memória perpassa um todo atravessado pelas diferenças

---

<sup>61</sup>NORA, 1993, p.13.

<sup>62</sup>ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella. NAXARA, Márcia. [Org.]. **Memória e [res]sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004, p.45.

<sup>63</sup>NORA, 1993, p.9.

<sup>64</sup>BORGES, Jónia Freitas. **Sob os areais, histórias de vida.** In.: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira. SOLON. Daniel Vasconcelos. [Org.]Histórias em poliedros: cidade, cultura e memória. Teresina: EDUFPI, 2008, p. 87.

entre história e memória e ao mesmo tempo 'coabitados'.<sup>65</sup> Representa um passado que já se foi, mas reside em monumentos visíveis e invisíveis capazes de transcender as transformações do mundo moderno.

O cenário evidenciado pelas fotografias abaixo é aterrador. Revela o cotidiano dos trabalhadores na carvoaria. Na primeira, temos um empilhador de lenha, contabilizando as toras. Na segunda, temos um enchedor de forno, lançando as toras ordenadamente para dentro do forno, em seguida serão carbonizadas homoganeamente. Vale ressaltar que as condições de trabalho nesta carvoaria ainda são consideradas amenas, se contrastada com outras que atuam na total clandestinidade, sem quaisquer condições de trabalho.

**Foto 01** : Empilhador de lenha, contabilizando as toras a serem carbonizadas.



Fonte: CRUZ, Marcelo. 2012.

Para tratarmos das formas de resistência dos trabalhadores nos espelhamos na dissertação *Memória migrante: a experiência de trabalho escravo no tempo presente*,<sup>66</sup> da historiadora Cristiana Costa que discute através de uma abordagem histórica as memórias de migrantes escravizados e suas complexas relações de micro-poder, forjadas muitas vezes em disputas e acordos celebrados no seio cotidiano familiar. A exemplo do que ocorreu com

---

<sup>65</sup>RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas; Unicamp, 2007, p. 408.

<sup>66</sup>ROCHA, 2010, p. 78.

Carvoeiro que relatou ter sido contratado por um gato que fazia parte de sua parentela, como afirmou

Eu fui contratado por um cunhado, que me levou até a carvoaria onde eu tinha de trabalhar cortando as toras de madeira com 20 a 30 kg pra encher o forno e depois tirar o carvão e limpar o forno. Também tive que carregar nas costas o carvão pra encher as gaiolas às vezes o dia inteiro para ganhar mais como gaioleiro. Mas nunca aceitei essa exploração, mas a minha família era a primeira a defender.<sup>67</sup>

Ainda sobre o cotidiano dos trabalhadores na carvoaria, trazemos duas outras imagens para ilustrar o quão penosas são suas atividades diárias, embora nestas, seja possível visualizar o uso de alguns equipamentos de segurança como luvas, capacete e óculos pelos trabalhadores, justificadas pela presença do fotógrafo, pesquisador e outras pessoas na ocasião, numa tentativa pífia de maquiar os fatos.

**Foto 02:** Forneiro enchendo o forno com toras de eucalipto.



**Fonte:** CRUZ, Marcelo. 2012.

Noutros termos, para compreendermos como se deu a escravização contemporânea em Açailândia é importante refletir também quem são os trabalhadores e suas memórias guardadas do cativeiro, de como estes realizam seus afazeres e quais condições lhes eram impostas. Seguramente, este é o caminho mais viável para se escarafunchar esta realidade.

Assentado na inscrição entre história e antropologia, este estudo revela a profundidade no diálogo entre elas, como resultado das idiosincrasias com que tratam os seus objetos de estudo. Diante disso coube à antropologia

<sup>67</sup>CARVOEIRO, 2012.

decifrar descritivamente e a história narrar historicizadamente. Destarte, a intersecção entre história e antropologia impõe certos perigos ao profissional da história, em contraparte, pode formar uma equação equilibrada. Assim, a escravidão contemporânea teve lugar na sociologia e antropologia mais do que na história, com pesquisas dos mais variados recortes e aprofundamento. Portanto, é chegada a vez dos historiadores.

Contudo, ao abordarmos a relação entre memória e história numa perspectiva interdisciplinar, surge de assalto, a de que as memórias são representações do passado, reconstruídas como no caso do narrador Antonio Gomes que a partir de lembranças compartilhadas de seus familiares, foi sendo construída e amalhada por elas, portanto, passíveis de lapsos e reenquadramentos, constituindo-se como parte do processo de apropriação do passado pelo narrador. A nós coube o papel de abordar historicamente este processo de produção da memória. E assim, a partir de fragmentos das memórias destes atores sociais, observados, também, como se tece a trama histórica no cotidiano dos trabalhadores submetidos à escravização no Brasil. Reburilando as entrevistas, foi possível, o registro de informações necessárias para a interpretação da realidade, as quais poderão ser retomadas e aprofundadas por outros estudiosos. Tal como nos diz o historiador Vainfas, no mais é “[...] percorrer os caminhos e descaminhos da história [...]”<sup>68</sup>

O que Pierre Ansart denomina de “a parte sombria inquietante e frequentemente terrificante da história”,<sup>69</sup> nós chamaremos aqui de ressentimentos da história, ao retratarmos estas memórias tão caras a estes trabalhadores, traumáticas e, por conseguinte, dolorosas. Desveladoras de um turbilhão de sentimentos como ojeriza, rancor, fobia, escapismo, raiva e o desejo de vingança. Tais sentimentos e ressentimentos denotam a experiência e a representação dela traz alme outras versões da história. Destarte, procuramos “arrancar do que ainda sobrou do vivido no calor da tradição, no mutismo dos costumes que se encontram sob o impulso do sentimento

---

<sup>68</sup>VAINFAS, Ronaldo. Caminhos e descaminhos da história. In: **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. CARDOSO, Ciro Flamarion/VAINFAS, Ronaldo [Org.]. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 449.

<sup>69</sup>ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella. NAXARA, Márcia. [Org.]. **Memória e [res]sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 15.

histórico”.<sup>70</sup> São memórias ditadas e histórias entrelaçadas forjadas sob as sevícias infligidas aos trabalhadores nos cárceres do carvoejamento, informações soterradas que agora vêm à tona como em um vórtice ressignificado de [res]sentimentos para exorcizar as agruras por eles sofridas.

Ao *ouvirmos os silêncios* do senhor Antonio Gomes, de imediato lembramo-nos da assertiva de Thomson ao afirmar que “a investigação e a análise das histórias e silêncios do testemunho oral podem revelar, de forma ampla, a natureza e os significados da experiência e as maneiras como retrabalhamos nossas reminiscências sobre o passado, durante nossa vida”.<sup>71</sup> Porém, o que nos parece evidente pode ser por demais, obtuso. Destruímos a marretadas o nosso objeto histórico, de modo a problematizá-lo para compreendê-lo na perspectiva dos entrevistados que devidamente alinhavadas deram vida ao nosso estudo. Assim, em sua narrativa, esse trabalhador nos fala que a comida era chamada de lavagem [restos de comida destinada aos suínos], que a água que bebiam era a mesma dada aos animais. Chegou a rememorar uma situação episódica, quando de sua passagem pelo garimpo de Serra Pelada, nos idos anos 80, presenciou uma cena dantesca, o envenenamento de “trezentos e dois garimpeiros na água para roubar o ouro, e eu como ‘veáco’, tinha meu bebedouro fora. Quando eu cheguei lá no barraco tinha esse tanto de gente morta”.<sup>72</sup> Apesar de reconhecermos a truculência dos atos cometidos pelos empregadores. Em algumas narrativas tais atos nos parecem surreais. Porém, nos ajudam a dimensionar os porquês da narrativa, neste caso, circunstanciada pela necessidade de fazer da narrativa um grito por socorro. Nestes termos, o mesmo entrevistado rememora seus atos de coragem e as estratégias de fuga empreendidas com seus companheiros, conforme trecho abaixo:

eu chamei um bocado pra nós fugir de noite, mas sabia que ao fugir poderia ser morto [...] Logo pra começar peguei o prato com osso e tudo e joguei lá na cara do capataz [...] Ai vem ele pra me bater. Eu disse rapaz é o seguinte: - Tu pode bater, só que tu não vai colher a pisa, tu vai direto pro inferno. Ai ele disse: - Vou te levar lá pra um reservado, eu vou te amostrar. Ai

---

<sup>70</sup>NORA, 1993, p. 7.

<sup>71</sup>THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória:** Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: Projeto História. São Paulo. n. 15, abril/1997, p.67.

<sup>72</sup>GOMES, 2012.

eu disse pode levar. Até que alguém disse: - Os homens chegaram agora, tem que botar os homens pra trabalhar Barroso não é assim não. Tive medo, fui humilhado mais o desejo de vingança sempre foi maior.<sup>73</sup>

Ao acionar a sua máquina do tempo, nosso narrador, relembra de sua experiência traumática, o sentimento de medo que ele nega ter tido e da humilhação que foi suplantada pelo desejo de vingança e fuga que bravata em toda a sua narrativa, perpassada de atitudes insólitas e repletas de heroísmos, oscilando entre momentos de insegurança/medo e coragem. Em outras narrativas constatamos justamente o contrário, e assim valemo-nos de Catroga para entender que “recordar é, em si mesmo, um ato de alteridade. Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita o testemunho do outro”.<sup>74</sup> Logo, memória e identidade se entrelaçam à medida que nos lembramos do eu-individual, só o fazemos se em contato com o outro, chamamos de outridade. Neste sentido, o individual só existe quando relacionado ao coletivo, como dito em outra passagem do texto.

Constatamos ainda que, o uso do termo humilhação é recorrente nas entrevistas com os trabalhadores e nos dados levantados. O trabalhador Antonio Gomes destaca que ele e seus colegas eram humilhados pelo gato e pelo patrão, destacou que, “às vezes quero me esquecer de tanta humilhação que passei, mas depois vejo que não devo esquecer, tenho mesmo que me lembrar para dar valor à vida [...] têm dias que fico só pensando nisso”.<sup>75</sup> Assim, entre beber as águas do rio Lete [esquecimento] e do rio Mnemósine [memória], ao que parece o nosso narrador optou em deleitar-se nas águas da titânides da memória,

[...] anos depois convergem razões políticas e familiares que concorrem para romper esse silêncio: no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento[...] Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, ‘não ditos’ As fronteiras desses silêncios e ‘não ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup>GOMES, 2012.

<sup>74</sup>CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 45.

<sup>75</sup>GOMES, 2012.

<sup>76</sup>POLLAK, 1989, p. 3.

Em geral, nossos narradores mostraram-se muito ressentidos ao rememorar tais fatos, pois estes ainda apresentam-se dolorosos e as palavras em alguns momentos saíram com uma certa dificuldade e outros tivemos que fazer ‘*ouvidos de mercador*’ para não trazer a público informações de foro íntimo e comprometedoras, não relevante para este estudo. Para Le Goff, a memória serve para “conservar certas informações, [...] graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas [...] No entanto, além de um fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social”<sup>77</sup> e até mesmo coletiva, como sinalizou o sociólogo Maurice Halbwachs no início do século XX, na clássica obra *A Memória Coletiva*, publicação póstuma de 1950, para quem as

lembranças podem organizar-se de duas maneiras: tanto agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como sedistribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena [...] Haveria motivos para distinguir duas memórias, que chamaríamos, por exemplo, uma interior ou interna, a outra exterior – ou então uma memória pessoal e a outra, memórias social.<sup>78</sup>

Retornando o diálogo com a categoria memória, podemos então concluir que, a memória está para o indivíduo assim como a memória coletiva está para a sociedade. E por sua vez, a história para a humanidade. A memória é um objeto de estudo em construção, de caráter iminente transdisciplinar, de modo a não poder ser analisada, a partir deste ou daquele campo disciplinar, trata-se de um conceito atravessado pela sociologia, antropologia, história, psicologia e até mesmo a linguística, porém, nenhum destes campos do saber dá conta, sozinho, de elucidá-la.

Através do processo mnemônico, o ato de lembrar o passado envolve as percepções do presente, de modo que “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.<sup>79</sup> A Mnemósine, deusa da memória, cabe impedir que o passado seja esquecido e as memórias apagadas, tarefa de relevada importância para a

---

<sup>77</sup>LE GOFF, 2003, p. 419.

<sup>78</sup>HALBWACHS, 2006, p. 73.

<sup>79</sup>BOSI, 1987, p.36.

sociedade. Na mitologia grega o rio Lete, localizado no submundo, fazia esquecer todos que bebessem de sua água, logo passou a simbolizar o total esquecimento. Outro rio, o Mnemósine traria a clarividência e recobriria a memória dos que dele bebessem. Já Catroga defende que a memória “será sempre fundacional, sacralizadora e reatualizadora de um passado que, estando vivo, tende a fundir-se num eterno presente”.<sup>80</sup>

Existe uma intrínseca e por vezes contraditória relação entre memória e identidade, visto que o sentimento de pertencimento a um grupo social depende, sobretudo pela construção coletiva de memória dos indivíduos que o compõem, haja vista que, para Catroga “a memória é instância construtora e solidificadora de identidades”,<sup>81</sup> evocando sentimentos e ressentimentos a partir de lembranças e esquecimentos numa relação de disputa das memórias. Para ratificar valemo-nos da proposição de Pollak para quem

[...] o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.<sup>82</sup>

Essa reflexão proemial sobre as relações entre história e memória, ajudou-nos na compreensão das dimensões identitárias destes trabalhadores do carvoejamento, submetidos à escravização em Açailândia, obrigados a arcar com as despesas advindas não só de sua precária alimentação, mas também, dos instrumentos de trabalho por eles utilizados, configurando uma prática mui semelhante à banalidade, tributo pago pelos servos ao seu senhor feudal pela utilização de instrumentos de trabalho e bens do feudo como: moinho, forno, celeiro dentre outros; hoje são foices, facas, pás, enxada, facões, moto-serras, botas, luvas, chapéus e outros. Muitas vezes, o único patrimônio que o trabalhador carrega consigo é a ‘cachorra’, uma sacola

---

<sup>80</sup>CATROGA, 2001, p. 54.

<sup>81</sup>CATROGA, 2001, p. 52.

<sup>82</sup>POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, RJ, n.10, CPDOC, FGV, p. 204, 1992.

contendo seus pertences mais valiosos como roupas e outros objetos, geralmente sem muito valor, exceto os pessoais.

Este tipo de aprisionamento por dívida começa com o traslado do trabalhador para a carvoaria e ganha envergadura no sistema de caderneta, ou seja, no registro que, via de regra, se confaz fraudulentamente dos produtos consumidos pelos trabalhadores que vão desde alimentos, bebidas, remédios simples até os instrumentos de trabalhos, todos superfaturados como já descrito anteriormente.

O cotidiano nas carvoarias é bem diferente das fazendas, as atribuições são bem distintas, de modo que, para uns cabem cortar e recolher a madeira, para outros de encher e barrelar os fornos e por fim, carbonizar e fazer a limpeza dos fornos. Em 1994, a Anti Slavery International realizou um estudo singular sobre a escravização contemporânea no Brasil, e trouxe à tona uma realidade vivenciada pelos trabalhadores nas carvoarias em Açailândia, ainda pouco conhecida. A pesquisadora descreve com clareza o que ela mesma chamou de ‘a arte da queima do carvão’:

Encher o forno é a tarefa mais especializada, remunerada a 12 mil cruzeiros [US\$ 2,22] por forno: as estacas de madeira têm de ser equilibradas e empilhadas por igual, do chão até o teto, ajustando-se às paredes curvas do forno. As mãos do empilhador são suscetíveis a ferimentos por lascas e a cortes mais graves, mas nenhum dos que a ASI viu possuía luvas. Depois vem o cuidado com o forno durante a queima. O encarregado tem de abrir e fechar aberturas laterais do forno, e precisa levantar muitas vezes durante a noite para controlar a entrada de ar, assegurando a queima por igual. À pessoa que faz esta tarefa geralmente é atribuída a responsabilidade por toda a produção. Vem então o barrelador, que esfria o forno jogando lama úmida e fria na face externa [...] Depois de ter esfriado por três dias, o forno é descarregado. O peão esvazia o forno, muitas vezes entrando nele ainda quente, exposto a temperaturas extremas e inalando fumaça [...] O ciclo está terminado e o forno pode ser carregado outra vez. Leva-se um dia para encher um forno, quatro para queimar o carvão, três para resfriar o forno e um dia para esvaziá-lo.<sup>83</sup>

Passadas quase duas desde esta constatação, feita nas carvoarias de Açailândia pela pesquisadora inglesa, pouca coisa mudou. Hoje, o uso de

---

<sup>83</sup>SUTTON. Alison. **Trabalho escravo**: um elo na cadeia da modernização no Brasil hoje. São Paulo, CPT/Anti-SlaveryInternational, 1994, p.68.

equipamentos de proteção individual tem sido mais comum, mas não o suficiente para assegurar a integridade do trabalhador. O número de registro e carteiras de trabalho assinadas tem aumentado timidamente. Mas, de modo geral, o que se vê não é diferente da descrição acima. Há registros da visita em 1993, do deputado britânico Tony Worthington, porta-voz do Partido Trabalhista, a uma carvoaria em Açailândia. Na ocasião ficou assustado com o que viu. Ao regressar à Europa, descreveu que havia ido a um lugar *infernal*.<sup>84</sup> Nas décadas de 1980 e 90, a cidade de Açailândia passou a ter uma áurea sombria, uma espessa camada de fumaça enegrecida cobria o céu da cidade, escondendo o sol por horas a fio, uma cena terrificante, que por tantos anos assolou a cidade.

Retomemos aos nossos narradores, temos José Alves de Souza, 36 anos, piauiense da cidade de São João da Serra, quarto filho de uma prole de dez, ficou órfão de pai ainda muito cedo, tendo de trabalhar para o sustento de sua mãe e irmãos. Mais tarde, com a perda prematura de sua mãe, tornou-se então, definitivamente arrimo de família. Mesmo tendo passado algum tempo desde que fora levado a trabalhar exaustivamente em uma carvoaria, ainda guarda ressentimentos. Sobre a crueza do trabalho na carvoaria, José Alves endossa que “é um trabalho muito duro e sem nada, sem salário, sem segurança, sem nada, sem nada [...]”<sup>85</sup> Acerca das atividades desenvolvidas na carvoaria ele nos informa que desempenhava quase todas, exceto, “abater árvores, mas eu carregava as toras no caminhão, tirava forno, enchia forno, ia pegar água pra molhar o forno. Para apagar o forno, entrava no forno quente, descalço”.<sup>86</sup> Em relação à comida ele acrescenta que “a comida era cortada no pé”,<sup>87</sup> por esta expressão podemos compreender que a comida era feita de qualquer jeito, sem os procedimentos básicos de higiene para tal. Sobre a sua saída da carvoaria revelou-nos que teve de fugir para não morrer, numa narrativa repleta de ressentimentos. Ele nos conta que ao tentar

cobrar o que tinha pra receber, o pessoal ameaçou com tiro em mim. Fui embora a pé, dormi na estrada, andei 30 quilômetros a pé, caminhando, pra chegar à pista. No asfalto andei mais 72

---

<sup>84</sup>WORTHINGTON, Tony. **Child charcoal makers in the Amazon**. The Independent, 7 de junho de 1993.

<sup>85</sup>SOUZA. José Alves de. Entrevista concedida ao Museu da Pessoa. Açailândia. 10. outubro, 2007.

<sup>86</sup>SOUZA, 2007.

<sup>87</sup>Idem.

quilômetros. Aí cheguei em casa, com fome, pé inchado de andar e triste [...] Aí depois das carvoarias é o seguinte, eu arrumei uma família aí fui na cidade arrumar outros tipos de atividades [...] Abandonei as carvoarias, e o pessoal me apresentou esse projeto todo. Passei por uns cursos de capacitação, e eu fui observando mais, tudo direitinho, e hoje estou nesse projeto aqui e não devo sair agora tão cedo, se Deus quiser, né?<sup>88</sup>

Quando da entrevista José Alves de Souza, morava na Vila Ildemar, bairro açailandenese com cerca de 35 mil habitantes, em Açailândia, e era cooperado do CODIGMA, tendo ocupado inclusive concomitantemente a chefia de produção do núcleo de produção de carvão e o cargo de vice-presidente da cooperativa. Os cooperados ex-trabalhadores escravizados em fazendas e carvoarias que atuam na reciclagem de papel e reaproveitamento de madeira para produção de brinquedos pedagógicos e carvão ecológico. Sobre o trabalho e os dividendos dos cooperados ele, comentou que todos “têm que cooperar, pagando os custos todos e dividindo as sobras em partes iguais”.<sup>89</sup> Segue nas imagens da página seguinte, o carvão vegetal no estágio final de produção, mais exatamente processo de secagem e por fim, embalado pronto para a comercialização.

Doravante, trataremos da fuga do Sr. Carvoeiro que destrinça com uma riqueza de detalhes impressionantes, como se deu este processo de escravização contemporânea. Embora muitos de nossos colaboradores dissessem não se sentirem escravos, de fato não o são, mas eram escravizados.

Quando fugi foi durante a madrugada estava com muito medo, mas ou fugia ou morria. Preferi fugir, passei fome, sede, andei a pé, peguei carona e quando cheguei em casa tive que me esconder para que minha família não fosse prejudicada. É um trabalho que qualquer pessoa pode fazer, não precisa de curso, de estudo. Em menos de um minuto se aprende a fazer e não para mais [...] Depois dos 30 anos, homem nenhum tem mais força para trabalhar na carvoaria, estão todos doentes e sem energia.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup>Idem.

<sup>89</sup>Idem.

<sup>90</sup>CARVOEIRO, 2012.

Nos termos descritos por nosso entrevistado, a fuga foi à opção obrigatória para não ser morto. Ele narra com emoção às peripécias de um jovem escravizado que luta pela liberdade e teme que com a fuga, gerem consequências a sua família. Os muitos e articulados movimentos com os braços denotam o grau de tensão ao rememorar uma parte emocionalmente densa de sua história de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Noutros termos, apesar de toda a complexidade que envolve o problema da escravização contemporânea que perpassa desde adequação conceitual até combate, o Brasil têm sido referência na implementação de políticas públicas no enfrentamento desta prática. Tal mérito deve-se, sobretudo, a atuação articulada da sociedade civil organizada e demais instituições privadas e públicas com apoio de organismos internacionais. Ainda que os esforços empreendidos sejam significativos, ainda estamos distantes da erradicação definitiva deste cancro, que ainda figura como *realidade trágica e contemporânea*,<sup>91</sup> como bem disse Dom Pedro Casaldáliga, “ajudar na libertação dos oprimidos é o meio mais direto e eficaz de contribuir para a libertação dos opressores”.<sup>92</sup> Embora possa parecer utópico, a libertação dos trabalhadores de muitos modos podem ajudar os próprios escravizados a se tornarem cada vez mais livres de si mesmos.

Há que considerarmos que se trata de um país historicamente nodado pela escravidão que ainda não conseguiu fechar as feridas abertas pela desigualdade social. Neste contexto, trazemos os dados da OIT que denotam a situação descrita ao longo de todo este estudo. Estima-se que de 1995 até 2011, foram resgatados cerca de 40.000 mil trabalhadores da escravização contemporânea.<sup>93</sup> Vale destacar que muitos destes sequer tinham o registro de nascimento, portanto, impossibilitados de exercerem a cidadania, uma vez que sequer existiam para o Estado.

---

<sup>91</sup>CERQUEIRA, Gelva Cavalcante de [Org.]; FIGUEIRA, Ricardo Rezende [Org.]; PRADO, Adonia Antunes [Org.] COSTA, Célia Maria Leite [Org.]. **Trabalho escravo contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para sua análise e denúncia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p.17.

<sup>92</sup>CASALDÁLIGA, 1971, p. 11.

<sup>93</sup>**PERFIL DOS PRINCIPAIS ATORES ENVOLVIDOS NO TRABALHO ESCRAVO RURAL NO BRASIL**. Organização Internacional do Trabalho. - Brasília: OIT, 2011, p.06.

Assim, durante a escrita deste estudo histórico, chegou até nós uma gama incomensurável de informações acerca do processo de escravização contemporânea na Amazônia Brasileira, diante disto, fomos alertados por Paiva que, “nossos estudos não são impactantes em larga escala, como o são os editoriais jornalísticos, as pregações religiosas, as imagens televisivas e cinematográficas e as ações, por vezes inusitadas e espetaculares das ONGs”.<sup>94</sup> Mas verdade seja dita, sem tais estudos não haveria como a sociedade refletir sobre os processos históricos para assim compreender a atual conjuntura e por assim dizer, lançar um juízo de valor a tais questões, daí a necessidade de devolutiva aos estudos que reverberam a sociedade.

Neste contexto, acreditamos que esta pesquisa esboçou mais do que um ecrã que se desdobrou sob uma visão crítica, instigante das vozes, até então inaudíveis nos rincões da Pré-Amazônia Maranhense, convertido num exercício de interconexões filigranadas entre Clio [a musa da história] e Mnemósine [a deusa da memória] reconstruímos através da metodologia da história oral, os fractais da trajetória de vida de alguns trabalhadores do carvoejamento em Açailândia, tomados no transcurso da pesquisa como mais do que objeto/sujeitos de estudo, mas seres humanos, capazes de desvelar para além dos aspectos sociais e culturais presentes no imaginário social destes. Destarte, foi neste substrato teórico ancorado nas discussões conceituais entre história, memória e identidade que problematizamos os testemunhos destes trabalhadores para responder aos questionamentos inicialmente propostos em consonância com os teóricos da área e à luz da metodologia da história oral como dantes frisado.

---

<sup>94</sup>PAIVA, Eduardo França. **Trabalho compulsório e escravidão: usos e definições nas diferentes épocas.** 2005, p. 10.